

O *Primo Basílio* e a problematização do feminino no cinema

The *Primo Basílio* and the problematization of the feminine in the cinema

Camila Ferreira de CARVALHO¹
Ray da Silva SANTOS²
Débora Wagner PINTO³

Resumo

O presente artigo problematizou a representação do feminino no cinema, por meio da personagem Luísa do filme *Primo Basílio* (2017), no intuito também de demonstrar o quanto a arte, em especial o cinema, pode ser um caminho para o ativismo, dando voz àqueles que durante toda a história foram silenciados e minimizados pelas ideologias dominantes. Para tanto, analisamos qualitativamente o enredo, os enunciados e fotogramas do filme, focando, principalmente, em Luísa.

Palavras-chave: Cinema. Feminino. *Primo Basílio*. Luísa.

Abstract

The present article problematized the representation of the feminine in the cinema, through the character Luísa of the film *Primo Basílio* (2017), in order also to demonstrate how much the art, in particular the cinema, can be a way for the activism, to give voice to those who throughout history have been silenced and minimized by the dominant ideologies. To do so, we qualitatively analyze the plot, the statements and frames of the film, focusing mainly on Luísa.

Keywords: Movie theater. Female. *Primo Basílio*. Luísa.

Introdução

Em *Primo Basílio* (2007), - filme colorido e nacional, dirigido por Daniel Filho - deparamos com os protagonistas, o jovem casal Jorge (por Reynaldo Gianecchini) e

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE), na Universidade Federal de Sergipe. E-mail: camilaprofa@outlook.com

² Mestre pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE), na Universidade Federal de Sergipe. Bolsista CAPES. E-mail: ray.letras@hotmail.com

³ Mestre pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE), na Universidade Federal de Sergipe. Bolsista FAPITEC. E-mail: debora.psyc@gmail.com

Luísa (Débora Falabella) que, após o adultério cometido pela jovem como o seu primo Basílio, a relação entre ambos é estremecida e Luísa passa a ser considerada como a culpada e julgada pela traição. Assim, se passando em São Paulo, no ano de 1958, o filme nos releva como a sociedade, junto às suas ideologias dominantes, concebe o ser mulher.

Ressaltamos que a escolha dessa película surgiu, além de ser por possuir a estória de uma mulher como protagonista em uma sociedade patriarcal, também por ser uma adaptação⁴ do livro *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz⁵. Este que, durante o movimento literário Realismo, em Portugal, influenciou de forma positiva na discussão de temas sociais: a condição da mulher, a idealização de valores ideológicos e excludentes, a sociedade patriarcal, as influências do clero.

Destacamos que, mesmo as duas obras sendo *escritas e dirigidas por homens*⁶, elas possuem mulheres e suas histórias como protagonistas, sendo, portanto, de grande importância para o debate sobre gênero e ocupação de espaços, bem como, sobre a maneira pela qual são representadas nas artes.

⁴ “Mas a fidelidade à obra original é rara, senão impossível. Em primeiro lugar, porque não se pode representar visualmente significados verbais, da mesma forma que é praticamente impossível exprimir com palavras o que está expresso em linhas, formas e cores. Em segundo lugar, porque a imagem conceitual, que a leitura faz nascer no espírito, é fundamentalmente diferente da imagem fílmica, baseada em um dado real que nos é oferecido imediatamente para se ver e não para se imaginar gradualmente” (BETTON, 1987, p. 115-116).

⁵ “Eça de Queirós – por intermédio de suas obras – criticava a realidade ao mostrar o que muitas vezes era escondido, como casos de adultério, conflitos familiares e crimes decorrentes do excesso de vaidade (principalmente das mulheres), como mostrado no conto Singularidades de uma Rapariga Loura, uma vez que apresenta uma personagem feminina que comete um furto em uma joalheria” (CARVALHO; SANTOS, 2019, p. 144); “Em *O Primo Basílio*, Eça ‘procurava atender aos principais objetivos da chamada fase mais propriamente realista/naturalista’ (RODRIGUES, 2012, p. 281). Além do adultério – como já foi citado há pouco - essa magnífica obra aborda também questões como a falsidade e a trajetória de Juliana (que chantageia sua patroa a fim de lhe tirar bens e humilhá-la)” (CARVALHO; SANTOS, 2018, p. 143).

⁶ Aqui entramos na discussão sobre o lugar de fala. Djamila Ribeiro, em *O que é lugar de fala?* (2017), nos mostra que corresponde ao processo de descolonização e descentramento do pensamento e do discurso, este correspondente a poder e controle, por isso, tem grande força na construção e moldagem do imaginário social. A autora ressalta que questionar e discutir sobre lugar de fala não se refere à ideia simplista que só o negro pode falar do negro, (ou só a mulher pode falar da mulher, só o LGBTQI+ poder falar do LGBTQI+) uma vez que a problemática em questão é mais ampla, diz respeito à visibilidade, às vozes que desde o início da civilização não obteve todas as oportunidades de transcendência; dessa maneira, é refletir que pessoas de determinados grupos partilham de experiências semelhantes e que nem sempre foram ouvidas.

É relevante citar que, atualmente, no âmbito do cinema, temos mulheres cineastas⁷ de grande relevância nas produções cinematográficas brasileiras, dentre elas, citamos: Anna Muylaert diretora dos filmes *Durval Discos* (2002) e *Que Horas Ela Volta?* (2015); Leandra Leal com o longa *Divinas Divas* (2016); Petra Costa que dirigiu os longas *Elena* (2012) e *O Olmo e a Cegonha* (2014); Adélia Ronaldo com o longa *Amor Maldito* (1984), *O Mundo de Dentro* (2018), o documentário *Fugindo do Passado: Um Drink para Tetéia e História Banal* (1987); Suzana Amaral, diretora de um dos filmes mais premiados do cinema brasileiro *A Hora da Estrela* (1985).

Em vista disso, nosso trabalho busca problematizar a representação do feminino no cinema, tendo como foco a personagem Luísa do filme *Primo Basílio* (2017), no intuito também de discutir e demonstrar o quanto a arte, em especial o cinema, pode ser um fértil caminho para o ativismo, dando voz àqueles que durante toda a história foram silenciados e minimizados pelas ideologias dominantes. Essa análise acontecerá de maneira qualitativa, tendo como foco o enredo, os enunciados dos personagens e os fotogramas.

O cinema como um caminho ao ativismo

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”, assim, em *O segundo sexo* (publicado originalmente em 1949), Simone de Beauvoir se tornou umas das bases para o desenvolvimento do movimento feminista, ao questionar a posição social a qual a mulher é inserida pela ideologia dominante. Nessa obra, percebemos que o gênero não é determinado biologicamente, ele é influenciado e formado dentro de uma cultura; entretanto, a sociedade busca elaborar o conceito de gênero de forma sistêmica, desconsiderando – na maioria das vezes – a forma como cada pessoa se sente, como cada um deseja ser construído. Ademais, Butler (2003, p. 28) vem afirmar que o gênero “[...] é aplicado a pessoas reais como uma ‘marca’ de diferença biológica, linguística

⁷ Principalmente após os anos 2000, é possível identificar mulheres atuando não apenas como personagens, representando mulheres não submissas e passivas, e sim, independentes e ativas, além de também como responsáveis pela elaboração dos filmes, assumindo a direção cinematográfica. Apesar disso, Alves (2010) destaca que “[...] entre os anos 2000 e 2009, no Brasil, o número de mulheres na direção dos filmes de longa-metragem ainda é significativamente menor do que o de homens, assim como desempenhando outras funções de chefia e importância para a realização dos filmes, como roteirista e produtor, ao contrário do que se podia imaginar para esta última” (ALVES, 2010, p. 09).

e/ou cultural”. Tal diferença consiste na desigualdade existente entre a mulher e o homem, uma vez que, segundo a predita autora, este é igualado a um ser universal que detém poder sobre o gênero oposto que constitui-

Tais discussões sobre a alienação da condição feminina impulsionou o surgimento de movimentos sociais e de grupos de estudos que visam debater de forma incisiva a situação social a qual permanece inserida as minorias, como os negros, as mulheres e os LGBTQI+. Torna-se importante ressaltar que quando se fala em minorias, não nos referimos à significação quantitativa da palavra, pois referimo-nos a grupos que se encontram em desvantagem social em relação ao grupo considerado pela ideologia dominante como “padrão”. Dessa maneira, falar em minoria diz respeito à população fortemente vítima de ações preconceituosas e discriminatórias e que lutam, sempre na tentativa de construir uma sociedade mais igualitária, contra as ideologias dominantes e excludentes que privilegiam determinado grupo de pessoas.

Um dos caminhos férteis para a disseminação das ideias progressistas é a literatura e, principalmente, o cinema, pois a arte cinematográfica, atualmente, consegue atingir uma grande quantidade de pessoas e, em suas narrativas, problematiza as ações humanas, junto às condições sociais as quais os sujeitos estão inseridos. No entanto, por muito tempo, o cinema reforçava padrões socialmente pré-estabelecidos e sua estrutura e maneira de fazer filmes refletiam as visões excludentes das ideologias dominantes, como consequência, as problematizações do ser negro, ser LGBTQI+⁸, ser mulher, ser índio, por exemplo, eram esquecidos ou minimizados pelas produções.

Entretanto, com o fortalecimento dos movimentos feministas e, posteriormente, o surgimento das discussões *Queer*⁹, bem como a ocupação de lugares de poder antes apenas ocupados pelos privilegiados socialmente, gradativamente o cinema passou a se tornar um forte mecanismo de ativismo *Queer*, dando voz àqueles que sempre foram excluídos na sociedade. Assim sendo,

Uma série de análises que se alinham aos debates sobre a inter-relação entre diferenças e expressam-se também no interior das teorias feministas, queers e pós-coloniais sobre o cinema enquanto tecnologia

⁸ Destacamos que, nos dias 13 de junho de 2019, o STF (Supremo Tribunal Federal) aprovou a criminalização da lgbtfobia. Tal conquista é fruto de lutas por igualdade que acontece há anos.

⁹ A teoria *queer* busca discutir sobre gêneros, mostrando que tanto a identidade, quanto a orientação sexual e posição social que o sujeito ocupa é resultado das criações sociais; ou seja, a ideia de mulher ser inferior ao homem não tem explicações biológicas, pois é fruto das ideologias.

de dominação. As críticas feitas nestes campos abrem espaço para a reflexão sobre como o cinema poderia se constituir enquanto instrumento ideológico na construção de certos ideais de nação, de representações sobre o gênero e a sexualidade, sobre as relações raciais, possibilitando a consolidação de certas noções sobre dados sujeitos e subjetividades (FERREIRA, 2015, p. 181).

Vale destacar que a teoria *Queer* problematiza questões relacionadas às minorias, ressaltando que a definição de homem e mulher vai muito além de questões biológicas e possui, diretamente, influências ideológicas, principalmente quando se fala em poder e privilégios sociais. Entende-se que a sociedade busca elaborar o conceito de gênero de forma sistêmica, desconsiderando – na maioria das vezes – a forma como cada pessoa se sente, como cada um deseja ser construído, ao visar basicamente a busca por poder e privilégios. Logo, a teoria *Queer* vai de encontro às normas que buscam determinar como cada sujeito deve ser inserido socialmente, ao mesmo tempo em que defende a liberdade de pensar, agir e construir-se enquanto ser desejante.

A personagem Luísa de *Primo Basílio*

Inicialmente se faz importante destacar os espaços que a jovem Luísa ocupa na sociedade e, principalmente, nos discursos que a permeiam: Mulher cis, branca e burguesa, letrada – e, portanto, ocupando lugar de privilégios em relação às demais. Destacamos que a mulher é vista pela sociedade patriarcal do século XX como um ser submisso, tendo a única função de servir seu esposo e administrar o lar.

No decorrer da trama, vemos que Jorge (homem cis, branco e burguês) demonstra enorme carinho para com sua esposa e ela por ele; contudo, o engenheiro possui uma personalidade típica de uma sociedade patriarcal, como, por exemplo, impor com quem a jovem pode ou não estar em contato, bem como decidir os espaços os quais pode frequentar. Dessa maneira, Luísa sente-se obrigada a seguir alguns limites impostos por Jorge, como não manter uma amizade com Leonor (mulher cis, branca e burguesa), interpretada por Simone Spoladore, pois esta é uma mulher casada que mantém relacionamento extraconjugal com vários homens. Fatos como esse fazem com que Luísa se sinta ainda mais solitária, porque durante as viagens de Jorge ela fica completamente sozinha em sua casa (já que não estabeleceu uma relação de amizade e companheirismo com as empregadas).

Após a chegada do primo da protagonista, Basílio (homem cis, branco e burguês), o casamento passa a ficar estremecido - pela atenção, carinho, provocações de cunho sexual e sensualidade transmitida dele à Luísa - terminando tragicamente, porque Luísa cede às provocações do seu primo, embarcando em uma aventura amorosa, relacionando-se com o rapaz.

O filme apresenta uma narrativa composta por várias personagens femininas que são retratadas com um tom de inferioridade; isso acontece principalmente por estar representando a sociedade da cidade de São Paulo no século XX. Destarte, a trama mostra a mulher como um objeto submisso à sociedade patriarcal, em que o homem é tido como ser superior, possuidor do poder soberano.

Quando Luísa recebe a visita de Leonor – mulher falada na cidade, mostrada como uma ameaça ao conservadorismo da época, como uma má influência para as fiéis esposas – é criticada e impedida por seu marido de recebê-la em sua casa, como já dito anteriormente. A partir desse momento, pode-se perceber que a mulher representa o gênero passivo, que deve obedecer ao homem (o gênero ativo) em absolutamente tudo; assim, a mulher é retratada como um sujeito frágil, vulnerável e incapaz até mesmo de escolher suas amizades.

Nos fotogramas 01 e 02, percebemos uma mulher sempre cabisbaixa, simbolizando sua inferioridade nos momentos de conversas tensas com Jorge e Basílio.

Fotograma 01: Luísa e Jorge



Fonte: Filme *Primo Basílio*

Fotograma 02: Luísa e Basílio



Fonte: Filme *Primo Basílio*

Em Prazer visual e cinema narrativo (1991), Laura Mulvey traz uma discussão acerca dessa submissão feminina no cinema clássico. Para a autora, o fato de esse tipo de narrativa ser fruto de uma sociedade patriarcal faz com que as personagens femininas não produzam significado, apenas o carreguem, representando assim um significante movimentado por olhares masculinos, pois a mulher é “incapaz” de produzir significados (a mulher é considerada, no cinema clássico, um objeto de observação).

Em suas discussões, Mulvey apresenta o conceito de escopofilia, relacionando-o com o narcisismo presente nos personagens masculinos do cinema clássico. O termo *escopofilia* refere-se ao prazer em olhar e ser olhado. Entretanto, no cinema clássico esse prazer está presente na figura masculina, que busca deter poder sobre a mulher. Em *Primo Basílio*, apesar de ter sido lançado em 2007, podemos perceber aspectos dessa estrutura narrativa clássica, porque a película retrata a sociedade e costumes do século XX, sendo Luísa tida como um objeto de observação que satisfaz e eleva o ego dos homens.

Além da definição de escopofilia, Mulvey (1991) discorre a respeito do Voyeurismo no cinema, conceito possuidor de associações com o sadismo, porque ele depende de uma história, de um acontecimento que force uma mudança na outra pessoa. Para Gois (2012, p. 02), “a relação do voyeurismo tem como princípio a qualidade sedutora, pois existe um segredo que circula entre o *voyeur* e o seu objeto de desejo”. Dessa forma, sabe-se que o voyeurismo representa um olhar que desperta o desejo de observar uma situação alheia, o que pode gerar uma vontade erótica no observador. Ao assistir *Primo Basílio*, por exemplo, o espectador – por meio do olhar sobre a tela – pode ser um *voyeur*, pois será estimulado pelo mundo diegético ali exposto.

É possível notar que na referida narrativa cinematográfica, a respeito do envolvimento amoroso entre a Luísa e o seu primo Basílio, o responsabilizado pelo conflito em seu casamento não foi o homem, somente a mulher. Luísa é vista por aqueles que souberam de sua relação extraconjugal com o seu primo como um sujeito indecente, que não seguiu as normas impostas pela sociedade conservadora da época. Em momento algum, Basílio (que via Luísa apenas como um objeto de desejo, um desafio, algo que satisfazia seu ego) é julgado; é a figura feminina quem carrega todo peso, se tornando ainda mais um ser irrepresentável, sem tanto valor para a sociedade. Luísa traz consigo toda carga negativa pelo simples fato de ser mulher e de transgredir as regras rígidas de uma sociedade, enquanto os homens, por mais que fossem casados, eram livres para realizar seus desejos, especialmente os de cunho sexuais.

Beauvoir (2009) ressalta que algumas frases ditas por homens – “‘agradeçamos a Deus por ter criado a mulher’, ‘a Natureza é boa demais, pois deu a mulher aos homens’” (p. 160) – confirmam seu pensamento acerca do papel passivo da mulher na sociedade patriarcal. A mulher era vista como um presente dado ao homem, feito unicamente para servi-lo, obedecê-lo, sendo que, para muitos (e reforçado sempre pelos textos bíblicos), a mulher surgiu da costela de Adão. À figura feminina cabia apenas a função de cuidar da casa, marido e filhos, sem ao menos ter o direito de votar e trabalhar - conquistas que foram surgindo aos poucos, com o passar do tempo.

No século XX, retratado em *Primo Basílio*, é possível observar a constante dependência financeira e emocional da mulher. Ao ser chantageada por Juliana (mulher cis, empregada doméstica), interpretada por Glória Pires, sua doméstica – a personagem presenciou algumas cenas da patroa e do primo, e a ameaçava dizendo que contaria tudo para o patrão Jorge - Luísa ficou desesperada, pois não tinha dinheiro algum. No momento em que Juliana foi até sua tia para pedir algumas dicas de como manipular Luísa com esses acontecimentos, falou que o dinheiro teria que ser arrancado do homem, porque é sempre ele quem tem, não a mulher.

Por motivos como esse - a mulher sendo colocada nos filmes em papéis de submissão -, Mulvey (1991) explica a importância de intensificar os espaços do cinema alternativo que, diferentemente do clássico, atribui à mulher papéis de importância na trama, produtoras de significados. Vale ressaltar que, para a autora, os códigos cinematográficos são capazes de criar um olhar, um mundo e um objeto e, por tanto,

promove o nascimento de discussões críticas sobre a sociedade e os sujeitos que a compõe. Dessa maneira, os códigos que contribuem para a objetivação da mulher precisam e devem ser banidos do cinema dominante; personagens femininas independentes, com histórias bem desenvolvidas e profundas.

Nesse filme aqui problematizado, é notório que as mulheres casadas não possuíam a liberdade ao menos de entregar-se aos prazeres sexuais. Pode-se perceber isso ao analisar e contrapor os momentos íntimos entre Luísa e Jorge e Luísa e Basílio. O sexo com Jorge era algo mais reservado, sem muita entrega, parecendo haver restrições: os personagens apenas se despiam e realizavam o ato (a mulher sempre como uma figura passiva). Em decorrência disso, Capra (1998) *apud* Gubernikoff (2009, p. 67) afirma que na sociedade patriarcal as mulheres começaram a “aceitar estereótipos patriarcais de si mesmas; a encarar seu corpo, sua sexualidade, o intelecto, as emoções e a própria condição de mulher com os olhos masculinos”. Em vista disso,

Totalmente cômodo para o sexo oposto, era cultivar a imagem da mulher frágil, dependente, sedutora, vulnerável, pois, desse modo, mantiveram-se a supremacia masculina absoluta. A conotação feminina aspirava sexualidade, o que na verdade, não caracterizava um elogio, mas uma representação diminuta da sua condição do gênero enquanto objeto de desejo e uso do seu macho. Conforme Beauvoir (1980), a mulher se torna uma parceira sexual para o homem, um objeto erótico, ou até mesmo algo que ele busca em si próprio (SANTOS; SANTOS; FERREIRA, 2017, p. 07).

No entanto, Basílio e a Luísa conseguiam se entregar aos seus desejos e prazeres de forma intensa e mais livres. Assim, Mulvey (1991) afirma que

A presença da mulher é um elemento indispensável para o espetáculo num filme narrativo comum, todavia sua presença visual tende a funcionar em sentido oposto ao desenvolvimento de uma história, tende a congelar o fluxo da ação em momentos de contemplação erótica (MULVEY, 1991, p. 444).

Notamos que o ato sexual, quando se fala da condição feminina, era e ainda é, em muitos casos, tomado como tabu, pois as relações sexuais são vistas apenas como uma maneira de procriação e de satisfazer os desejos do seu marido - ressaltamos que a mulher assumindo gostar de sexo era vista como suja, como percebemos por meio da personagem Leonor. A respeito da sexualidade feminina, Bozon nos diz que:

As formas de entrada das mulheres na sexualidade revelam certos aspectos fundamentais da construção tradicional da feminilidade, a qual implica fertilidade, pertença da mulher a um único homem (mesmo que um homem possa ter várias mulheres) e ausência de iniciativa em matéria sexual. Nas tradições mediterrâneas e latino-americanas, assim como em certas culturas asiáticas, a perda da virgindade permaneceu (e ainda permanece em alguns 6 lugares) uma transgressão grave, levando essa mulher para fora da categoria das mulheres honestas que podem ser desposadas, trazendo a desonra para os homens de sua família e para seu esposo (BOZON, 2004, p. 28).

Tais características nas maneiras diferentes de se relacionar com os dois personagens masculinos podem ser percebidas, além das ações, na forma de se vestir da jovem. Nos seguintes fotogramas, notamos que a protagonista, antes de rever o seu primo, consistia em utilizar roupas compostas, e tem vergonha do seu corpo, mesmo no momento íntimo com o seu marido; no entanto, após a chegada de Basílio, sua sexualidade e feminilidade passam a florescer e se mostrar de maneira manifesta, como vemos nos figurinos, principalmente no uso de roupas íntimas. Com isso, compreende-se que na linguagem fílmica,

O traje nunca é um elemento artístico isolado. Deve ser considerado em relação com um determinado tipo de realização, a que pode acrescentar ou diminuir o efeito. Destacar-se-á do fundo dos diferentes cenários para valorizar gestos ou atitudes das personagens, segundo as suas aparências e as suas expressões. Significará qualquer coisa, por harmonia ou por contraste, no agrupamento dos actores e no conjunto de um plano. Por fim, consoante a iluminação, poderá ser modelado ou sublinhado pela luz ou neutralizado pelas sombras (EISNER *apud* MARTIN, 2005, p. 76).

Mulvey (1991) explica que no cinema tradicional a imagem da mulher funciona como objeto erótico tanto para os personagens na tela quanto para os espectadores. Ou seja, a mulher é imagem dos “donos do olhar” dentro e fora das telinhas.

Gubernikoff (2009) explica que o papel da mulher no cinema clássico pode até apresentar uma ruptura no seu desenvolvimento, mas no fim ela volta para o seu lugar criado social, historicamente e familiar. Isso pode ser observado na obra cinematográfica de Daniel Filho, porque Luísa passa a enfrentar o conservadorismo e vai em busca da realização dos seus desejos, movida pela vontade de sair da sua rotina e de se tornar mais ativa em sua vida. Entretanto, no fim da trama, diante de tantas

dificuldades encontradas e sem poder contar com o apoio da sociedade, a protagonista, se vendo sem saída, retorna ao seu posto de dona de casa e obediência, uma vida morna, ao contrário do que ela desejava.

Como desfecho, após ser desmascarada e arduamente julgada por aqueles que estão à sua volta, Luísa adoece e não consegue resistir à morte. A jovem que, durante toda a narrativa era submissa à sociedade, recalçando seus desejos, a cada momento morria de forma simbólica, até não resistir. A morte da personagem, metaforicamente, é a morte injusta e cruel a qual as mulheres e as demais minorias estão suscetíveis diariamente.

A desvalorização da mulher, perante a sociedade, retratada em *Primo Basílio* insiste em acompanhar os tempos. O homem, por vezes, se recusa a aceitar a mulher com os mesmos direitos que os seus, e ocupar os meus espaços que ele, pois essa aceitação o faria perder seu papel de sujeito dominante e ativo perante as minorias.

Por esse motivo, Silva (2017) enfatiza a importância da presença feminina na política, participando ativamente, como representante do povo, principalmente das próprias mulheres. É preciso intensificar as lutas e quebrar com o poder dominante e discriminatório existente, no intuito de promover a igualdade entre todos, respeitando as suas singularidades, e propor espaços onde a vozes de todos possam ser ouvidas.

Considerações finais

O filme revela a mulher como um objeto submisso à sociedade patriarcal, em que o homem é tido como ser superior, possuidor do poder sobre ela. Além disso, Luísa é apresentada na obra como a responsável por destruir seu casamento, já seu primo Basílio (com quem teve uma relação extraconjugal) é retratado como um homem charmoso e cobiçado pelas mulheres.

Sabe-se que questões relacionadas à inferioridade da mulher ainda estão presentes hodiernamente, mesmo com toda luta feminista em busca da conquista de espaço e igualdade. Pode-se dizer que após muitas manifestações em prol dos seus direitos, a mulher “conseguiu” assumir outras funções além de dona de casa, como por exemplo, tivemos Dilma Rousseff como a primeira presidente mulher do país.

Entretanto, notamos que as contribuições das mulheres na sociedade não foram e ainda não são reconhecidas de maneira igualitária.

Diante do exposto, por meio das análises realizadas, percebemos o quão delicado é discursar sobre a mulher sem mencionar algum tipo de preconceito, as vezes referidos inconscientemente, tanto na vida cotidiana como um todo. Por sua vez, a arte cinematográfica, ao problematizar as relações sociais, se atenta a essas características ideológicas que surgem de diversas formas discriminatórias e excludentes, assim, de modo sutil, representa o feminino utilizando os aparatos cinematográficos, desde iluminação, seleção de planos, cores das roupas, lugares, som, roteiro, atuação, e, por conseguinte, promover denúncias sociais.

O filme *Primo Basílio* é um filme de grande importância para as problematizações sobre o tema, porque ele coloca uma mulher como protagonista e revela, até mesmo de maneira metafórica, o quanto a sociedade ceifa os desejos das mulheres e matam-na simbolicamente e, infelizmente, também de maneiras trágicas (vemos nos primeiros meses de 2019 o aumento assustador do número de casos de feminicídio¹⁰).

Acreditamos que nossa breve discussão acerca da representação do feminino no cinema suscite à produção de novas pesquisas e que contribua de maneira positiva e qualitativa com as discussões sobre o tema.

Referências

ALVES, Paula. **A presença feminina no cinema brasileiro nos anos 2000**. Revista: Fazendo gênero, v.9? Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 29 de agosto de 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BETTON, Gérard. **Estética do cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BOZON, Michael. História da sexualidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BUTLER, Judite. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

¹⁰Mais de 200 feminicídios ocorreram no país em 2019, segundo pesquisador. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/mais-de-200-feminicidios-ocorreram-no-pais-em-2019-segundo-pesquisador-23505351>. Acesso em 22 de mai de 2019.

CARVALHO, Camila Ferreira; SANTOS, Ray da Silva . A Linguagem Literária: alguns recursos linguísticos-literários usados na construção da obra O Primo Basílio. **Porto das Letras**, v. 4, p. 137-152, 2018.

CARVALHO, Camila Ferreira; SANTOS, Ray da Silva . 'Singularidades de uma rapariga loura', de Eça de Queirós: uma análise em perspectiva linguística e literária. **Revista Garrafa** (PPGL/UFRJ), v. 17, p. 136-153, 2019.

FERREIRA, Glauco B.. “A(r)tivismos” cinematográficos queer of color: as ações de resistência e agência do coletivo Queer Women of Color Media Arts Project. In: **ACENO**, Vol. 2, N. 3, p. 177-191. Jan. a Jul. de 2015. ISSN: 2358-5587.

GOIS, Maíra Lima de. Cinema e Voyeurismo em Hitchcock: Do Olhar à Apropriação do Desejo. In: **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. Ano 5- Edição 2. Dezembro de 2011- Fevereiro de 2012. São Paulo.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem:** representação da mulher no cinema. Revista Conexão- Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v.8, n.15, jan/jun. 2009.

MATIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MULVEY, Laura. **Prazer visual e cinema narrativo**. In: XAVIER, Ismail. A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Graal, 1991, p. 437-453.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Daiane Menezes; SANTOS, Ray da Silva ; FERREIRA, Sara Goretti . Gabriela, Cravo e Canela: algumas considerações sobre a mulher no cenário social. In: **10 Encontro Internacional de Formação de Professores/11 Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional**, 2017, ARACAJU. Educação, Base Nacional Comum Curricular e Formação de Professor. ARACAJU: UNIT, 2017.

SILVA, Tamires Rodrigues da. **Lugar da mulher (não) é na presidência:** machismo e misoginia na política brasileira. 2017. Dissertação de Mestrado – Universidade de França. Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestre em Linguística.

Filmografia

Primo Basílio. Direção: Daniel Filho. São Paulo: Lereby produções. Distribuído pela Buena Filmes, 2007. 1 DVD.